

Classe média já é maioria da população nas capitais

06/08/2008 - 00h00

Brasília

A classe média já representa mais da metade da população nas seis principais regiões metropolitanas do país. Com renda maior e comprando mais, as famílias que agora ocupam esta faixa foram as grandes beneficiadas pela estabilidade macroeconômica e pelo aumento do emprego com carteira assinada.

É o que revela o levantamento "A Nova Classe Média", divulgado ontem pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Segundo a pesquisa, hoje há maior probabilidade de ascensão da classe média às camadas mais altas do que há seis anos.

Desde 2002, a participação da classe média na população economicamente ativa saltou de 44,19% para 51,89% nas seis regiões metropolitanas (Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio, São Paulo e Porto Alegre), que formam a base da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

o levantamento da FGV, a classe C é classificada como classe média, com renda mensal domiciliar entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591. O economista Marcelo Nery, um dos coordenadores da pesquisa, usou dados da PME para traçar um retrato da atual classe média e sua evolução nos últimos seis anos.

Ele aponta como um dos fatores que contribuíram para inflar esta faixa de renda a expansão nos empregos com carteira assinada. "A carteira assinada é o grande símbolo da classe média", sentencia. O fenômeno é dissociado dos efeitos de programas assistenciais, como o Bolsa Família, por exemplo.

"Na verdade, a nova classe média é aquele segmento do meio, que cresceu muito nos últimos anos: o grupo emergente que cresceu a partir do próprio trabalho", afirmou.

Esse aumento no número de pessoas empregadas pode ter influenciado uma redução dos índices de pobreza e de miséria, nos últimos seis anos, também revelado pela pesquisa.

"Na verdade, o levantamento apresentou um cenário positivo também no combate à desigualdade", afirmou o economista.

Três milhões deixarão a pobreza até o fim do ano

Entre 2002 e o final de 2008, três milhões de brasileiros que moram nas seis principais regiões metropolitanas do país – São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador e Recife – terão saído da pobreza.

É o que aponta estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), órgão do governo federal. A taxa de pobreza nesses seis capitais do país – onde vive um quarto da população brasileira e são produzidos dois quintos do Produto Interno Bruto (PIB) – cairá de 32,9% para 24,1%.

Esse contingente populacional passou a integrar o grupo que o presidente do Ipea, Márcio Pochmann, chamou de "classe média emergente". Esse novo segmento se expandiu com o crescimento econômico dos últimos anos, que permitiu o aumento do emprego.

Desde 2003 até o final 2008, quatro milhões de pessoas terão saído da pobreza. Em 2003, ano seguinte à crise econômica, o número de pobres era maior do que em 2002. A pesquisa do Ipea também apontou um crescimento do número de "novos ricos".

Esse grupo aumentou 28,1 mil entre 2002 e 2008. Em 2002, as pessoas consideradas ricas nas seis regiões correspondiam a 448,5 mil. Agora, em 2008, somarão 476,6 mil.

Apesar disso, a participação de ricos na população nessas seis regiões metropolitanas permaneceu estável, em 1%. O Ipea classificou como pobres as pessoas que têm renda per capita igual ou inferior a meio salário mínimo (R\$ 207,50).

Ricas são aquelas pertencentes a famílias com renda igual ou maior do que R\$ 16,6 mil. Para fazer o estudo, o Ipea retrabalhou informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) e da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do IBGE.

Glossário

Elite: classes A e B – renda superior a R\$ 4.591

Classe média: classe C – renda mensal entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591

Remediados: classe D – ganha entre R\$ 768 e R\$ 1.064

Pobres: classe E – ganha abaixo de R\$ 768